



LÍMIA

Revista mensal
ilustrada de letras,
ciências e artes

Antonio Carneiro
1910

N.º 3. — Série 1.ª — Dezembro de 1910. — Director, João da Rocha. — Secretário e editor, Alberto Meira. — Redacção e administração, rua de S. Sebastião, 107, Viana-do-Castelo. — Composição e impressão na Tipografia Universal, de Figueirinhas & C.ª, rua das Oliveiras, 75, Pôrto. — Propriedade da empresa da *Límia*

LÍMIA

Revista mensal ilustrada de letras, ciências e artes

VIANA-DO-CASTELO — (Portugal)



Sumário do n.º 3

- Capa — desenho de António Carneiro.
I — *Os passeios das ruas*, por Pedro A. de Azevedo.
II — *Prefácio Utrico* (versos), pelo dr. Manuel Laranjeira.
II — *Maternidade*, desenho de Júlio Pina.
IV — *A História de uma loucura humana*, por Eduardo Sequeira.
V — *Saida da «loja»*, desenho de C. Kasen.
VI — *Diadema de estrelas* (versos), por Duarte Solano.
VII — *Tolstoi*, por Leonardo Coimbra.
VIII — *Francisco Valença* (com retrato e auto-caricatura de Valença), pelo dr. Álvaro de Castro.
IX — *Ortografia racional. Regras*, por Cláudio Basto.
X — *Omens da República: Dr. Alfredo de Magalhães*, desenho do dr. Verjílio Ferreira.
XI — PANORAMA: A árvore da chuva; Leite em pó; O prémio Nobel de literatura; Um monstro humano; «606 XXIII»; O pão é asséptico.
XII — BIBLIOGRAFIA.
XIII — VÁRIA: *Soares dos Reis* (com desenho de Soares Lopes), por Emánuel Ribeiro; *Pela Arte*, pelo dr. Pedro Vitorino.
XIV — SEPARATA — *Caridade*, desenho inédito de Soares dos Reis.
*
Vinhetas de Cristiano de Carvalho.
Gravuras das oficinas de Cristiano de Carvalho.

TODA A COLABORAÇÃO É SOLICITADA

Os escritos e os desenhos publicados são de absoluta responsabilidade dos seus autores, a quem é dada a máxima liberdade de pensamento, ficando, por isso, a revista franqueada a discussão.

Será respeitada a ortografia dos colaboradores que no-lo recomendem

Não é permitida a reprodução das gravuras e dos artigos insertos na "Límia", sem prévia autorização

Pede-se o envio das publicações que façam qualquer referência a esta revista

PREÇOS DA 1.ª SÉRIE

Assinatura — (seis meses)

Portugal e colónias — 320 réis.
Brasil (assinatura directa) — 2:500 réis (m. bras.)
Outros países da América do Sul — 5 ps.

Espanha — 3 ps.
França — 4 fr.
Nos restantes países — 5 fr.

Número avulso, em Portugal — 80 réis

Pagamento adiantado. Despesas de cobrança por conta do assinante

Dirijir a correspondência para

Límia — Viana-do-Castelo — (Portugal)

Série 1.ª — Tómo I

VIANA-DO-CASTELO
(Portugal)

N.º 3 — Dezembro, 1910



Director:

JOÃO DA ROCHA

Redactores:

JOÃO PÁRIS — CLÁUDIO BASTO

Secretário e editor:

ALBERTO MEIRA

OS PASSEIOS DAS RUAS



MANEIRA tam inteligente como os Romanos construíam as ruas, sólidamente calçadas e providas de caminhos especiais e altos para os peões, caiu em esquecimento na Idade-Média. Pode mesmo afirmar-se que ainda oje não chegamos a atinjar em jeral a perfeição que o Povo Romano dava às vias de comunicação.

Na Lisboa anterior ao terremoto de 1755, avia na Rua Nova e na Confeitaria arcadas, ou colonatas, debaixo das quais se abrigavam os negociantes, na falta de edifício de bolsa, para discutirem os seus interesses.

As arcadas do Terreiro do Paço e da Rua da Boa-Vista, em Lisboa, construídas depois de 1755 e melhor ainda as que vemos em Belém, edificações talvez do século XVI, devem representar approssimadamente essas arcarias da antiga Lisboa.

O célebre engenheiro Manuel da Maia na terceira parte da Dissertação sobre a renovação de Lisboa, recentemente publicada pelo académico sr. Cristóvão Aires, discute pela primeira vez entre nós o estabelecimento de passeios nas ruas. Diz êle o seguinte: «declaro que as ruas de Inglaterra são formadas de tres divisões, a do meio mais larga para as carruagens e as dos lados para a gente de pé, aquella calçada de pedra miuda e as duas de enxilharias grossas, com seus postes que as separão da do meio para que as carruagens não vão embaraçar os dois passeios». Os passeios não eram providos no seu projecto, como são os de oje, de degraus, mas sim de marcos de pedra, vulgarmente chamados *frades*. Por isso Maia logo diz o seguinte: «nas occasiões de festas e de concursos se não poderão conservar bem em seu estado proprio».

Afinal as ruas da Baixa foram dotadas de passeios lajeados de grandes pedras, substituídas pouco depois de 1880 pelo calcetamento de pedra meída e betão quando se pensou no embelezamento da cidade.

Os nossos navegadores já tinham encontrado em Cantão este requinte de cultura. A misteriosa China antevista na antiguidade clássica greco-romana, mal desvendada por Marco Paulo ou Pólo e oculta pela América aos olhares de Cristóvão Colombo, forneceu directa- e indirectamente à Europa alguns instrumentos importantes para o progresso.

O papel, a imprensa, o astrolábio, a pólvora, a artilharia, o jornal, o chamado *macadame* do nome do engenheiro escocês Mac-Adam que o applicou na Eu-

R. 176256
COMPRA

ropa são criações orientais. A influência chinesa na arquitectura europeia do séc. XVIII também é manifesta, bem como na cerâmica.

Os portugueses ao depararem com a China tiveram de reconhecer a superioridade de ela sobre o seu país em muitos pontos, inclusivamente no Direito. Sobre ela possuímos muitas referências nos nossos historiadores do séc. XVI e numa obra esplêndida de que é autor Fernám Mendes Pinto. Menos influência eserceu o Japão, se bem que do arquipélago de Léquio provenha o nome de leque, o *abanillo* dos espanhóis, e o *eventail* dos francezes, a que chamávamos *abano léquio*.

Mas voltando ao *trottoir* de Cantão leia-se a bela descrição que de êle faz Gaspar Correia, a páj. 523, do tómo II, das suas preciosas *Lendas da Índia*: «as ruas são largas e muito limpas, e de longo das paredes, de ambas as bandas, tem ladrilhado de lageas de pedra os dous terços, e o terço do meio fica mais baixo, que não é lageado, por que corre a gente baixa, e os fidalgos e homens honrados vão pelo lageado de ambas as bandas».

Pois o que na China era já vulgar no princípio do séc. XVI, só cêrca de três séculos depois deu entrada entre nós, porque só então se fez sentir a necessidade de proteger os transeuntes das correrias das sejes.

Lisboa.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

PREFACIO LYRICO:

(Para uma ballada de Pedro Blanco)

*Nas cinzas d'um grande amor
ainda existe calor
a que a noss'alma se aqueça...*

*E a gente põe-se a dizer:
—«Vida, não vás tão depressa,
deixa-me ainda aquecer!»*

*D'aquelle amor que passou,
alguma cousa ficou,
...alguma cousa que vive:*

*ficou-me isto...—est'hora d'arte,
que é a essencia, a melhor parte
d'aquelle amor que lhe tive...*

*Oh ballada amarga e triste,
feita de gôso e de dôr,
és o calor que inda existe*

...nas cinzas d'aquelle amor.

Espinho

MANUEL LARANGEIRA.



MATERNIDADE

(Desenho de JÚLIO PINA)

A História de uma loucura umana

Compreende-se bem que o Tabaco, o Arroz, o Trigo, o Chá, o Cacau, o Algodão, a Borracha, a Vide, o Café e a Cana-do-açúcar possuam larga e maravilhosa história, tenham sido orijem de fortunas colossais, aniquilado e feito ruir empresas poderosas dispondo de recursos julgados inesgotáveis.

Mas difícil é compreender que uma flor, como a Túlipa, sem deslumbramentos de uma beleza especial, sem cativantes atractivos de forma, nem ardências de coloridos, sem delicias de perfume, nem predicados particulares que em especial triunfantemente a notabilizem entre todas as outras flores, tenha conseguido, por dilatado tempo, provocar um assombroso movimento mercantil, uma intensa loucura especial, a que, mais tarde, foi justamente dado o nome de *Tulipomania*.

O género *Túlipa* compõe-se de pequenas plantas bolbosas, vivazes, da família das *Liliáceas*, rústicas, e oriunárias da Europa, do norte da África, e da Ásia Occidental e Central até o Japão. São de caule simples, terminando por uma flor erecta, primitivamente de seis divisões também erectas, dispostas, três interiormente e três do lado esterno, formando taça.

Estas formas-tipo estão ao presente mais ou menos modificadas pelos cruzamentos e por cuidadosas seleções culturais que forneceram centenas de variedades de flores, sinjelas, dobradas, tanto de tamanho regular como monstruosas, e de cores vivas, puras, de tonalidades diversas, estriadas, matizadas, etc.

No fim do século XVI, porém, as resumidas espécies de Túlipas então conhecidas, quanto à forma e tamanho, não diverjiam profundamente das cinco espécies clássicas, as *Túlipa Celsiana*, *T. clusiana*, *T. gallica*, *T. silvestris*, e *T. oculis solis*; notabilizavam-se sómente pela diversidade de coloridos mais ou menos accentuados.

Esta flor relativamente vulgar, que ao presente ocupa um justo lugar secundário nos nossos jardins, tendo apenas como principal cartaz recomendável o não dejenegar nas culturas, foi motivo de entusiasmo doido e intensas especulações febris na Europa, e, muito em particular, na Alemanha e na Olanda.

Diz o grande botânico Conrad Gessner que as primeiras Túlipas foram trazidas de Constantinopla para Augsburgo em 1559, e que o seu nome é a forma italiana da palavra turca *tulband* turbante, ou do persa *thoulyban*.

Dez anos depois da sua introdução na Europa, a Túlipa era a flor da moda na Alemanha e na Olanda.

No começo do século XVII, como toda a jente queria possuir Túlipas, e todos procuravam negociar com elas, os bolbos do pequeno vegetal chegaram a pagar-se por preços fantásticos.

Construíram-se estufas aparatosas única e exclusivamente para a cultura das espécies mais raras; preparavam-se custosamente terrenos com terra especial trazida de lonje e vedados dos olhares profanos por altas muralhas; dispunham-se nos interiores, em salas fechadas a sete chaves, guardadas mais cautelosamente que as mais raras e mais preciosas jóias.

Em 1635 quarenta bolbos de Túlipas raras venderam-se em leilão, em Harlem, por duzentos mil florins, o que corresponde a aproximadamente à quantia de setenta e dous contos da nossa moeda. E os preços continuaram em tam vertiginosa progressão ascendente, que os bolbos raros se vendiam a pêso, por quilates, como as pedras preciosas.

Assim, uma tülipa *Amiral-Liefke* de 480 quilates vendia-se por quatro mil e quatrocentos florins, isto é, um conto quinhentos e oitenta e quatro mil réis; uma *Amiral van der Eyck* de 446 quilates dava mil duzentos e sessenta florins, ou sejam quatrocentos e cinquenta e três mil e seiscentos réis; uma *Childer* de 106 quilates produzia mil e seiscentos florins ou quinhentos e setenta e seis mil réis; uma *Vice-Rei* de 250 quilates obtinha três mil e duzentos florins ou um conto cento e cinquenta e dous mil réis; e pela *Semper Augustus* de 200 quilates, a mais preciosa de todas as tülipas, avia quem desse cinco mil e quinhentos florins, uma coisa assim como um conto novecentos e oitenta mil réis da nossa moeda!

A *Semper Augustus* chegou a tornar-se tam rara que, pouco antes de findar o ano de 1636, só se conheciam dous esemplares, um em Harlem e outro em Amsterdão. O de Harlem foi trocado por um campo medindo doze ares, e o de Amsterdão por quatro mil e seiscentos florins (um conto seiscentos e cinquenta e seis mil réis) e um carro e uma parelha de cavalos de luxo, ricamente ajaezados.

Um escritor da época diz que um bolbo bem desenvolvido de tülipa *Vice-Rei* foi trocado por duas cargas de trigo, duas cargas de centeio, quatro bois gordos, oito porcos gordos, doze ovelhas, dois barris de vinho, quatro barris de cerveja, mil arrateis de queijo, um leite completo, um fato completo e um copo de prata.

O nosso infeliz rei D. Afonso VI foi, no dizer do escritor Lemaire, um cultivador apaixonado de tülipas, pagando bolbos a preço correspondente a um, dois e três contos de réis cada um.

Nessa ocasião em Lille, o dono de uma importante fábrica de cerveja, avaliada em mais de cinco contos da nossa moeda, trocou-a por um só bolbo de tülipa.

Este desvario floral deu causa a interessantes episódios célebres. Um de elles foi o seguinte:

Saide Paxá, o faustoso soberano do Ejipto, ouvindo elojar a um embaixador estrangeiro uma certa variedade de tülipa, novidade de alto valor, directamente por elle recebida da Olanda, deu ordem ao chefe da policia do palácio para que fizesse também uma encomenda dos tam afamados bolbos. Atenta a raridade e o mérito das plantas, onde se salientava o bolbo da célebre tülipa negra, custou a encomenda uns três contos e seiscentos mil réis da nossa moeda, e, logo que chegou ao palácio, seguiu directamente para as cozinhas onde os bolbos das tülipas foram preparados de formas diversas, e servidos em um grande banquete dado por Saide Paxá. Todos os convivas do célebre soberano ejipto acharam os bolbos detestáveis, mas ninguém ousou dizer mal de um petisco comprado por tam alto preço.

Conta-se também que um marinheiro chegado à Olanda de terras distantes, e desconhecedor do elevado preço por que estavam sendo cotadas as tülipas, entrou no escritório do seu armador para lhe noticiar a arribada do navio. O negociante, mandando-o regressar a bordo e anunciar ali a sua próxima visita, deu-lhe amavelmente um arenque para elle ir comendo pelo caminho. O marinheiro, na retirada, ao atravessar o escritório, viu, em cima de uma mesa, uma cebola cor de rosa que lhe pareceu dever ser coisa boa para acompanhar o arenque. Guardou-a no bôlso e seguiu para a praia onde se sentou a fazer o almoço.

De aí a pouco o negociante procurou o bolbo e, não o encontrando, lembrou-se de o marinheiro e correu em sua procura, encontrando-o a devorar o último bocado do arenque com o último fragmento de um *Semper Augustus* que tinha custado um conto e oitocentos mil réis.

Um botânico inglês de nome, desembarcando em Amsterdão, foi apresentado a um rico olandês que possuía, próximo da grande cidade de comércio, opulento jardim onde vejetavam as mais raras plantas do mundo. Visitando as colecções que amavelmente lhe eram facultadas, o inglês viu, em um recanto de uma prateleira da estufa principal, um bolbo que lhe despertou a curiosidade. Pegou nêle, examinou-o, e, para lhe ver a estrutura interna, saca de um canivete do bôlso e corta-o ao meio.

— Que faz? — exclama furioso o bom do olandês ao ver o desacato tremendo.

— Estudo — responde fleumáticamente o botânico inglês — uma cebola curiosa.

— E que cebola! uma *Amiral van der Eyck*.

— Muito obrigado pelo informe do nome da planta; vou apontá-lo já na minha carteira.

— Aponte, aponte... e não se esqueça de deixar uma linha em branco para mais tarde acrescentar a sôma por que lhe ficou a sua curiosidade impertinente.

E, agarrando o pobre do botânico por um braço, levou-o ao síndico, onde elle soube, com assombro, que a cebola valia um conto e quatro centos mil réis, quantia esta que, apesar de todos os protestos e espicacões, teve de pagar para não ir parar com os ossos na cadeia.

Lindley e Moore, confirmando a traços largos o que acima deixamos esarado, narram que, no século XVII, as tülipas se tornaram um tráfico como outro não ouve na história do comércio, subindo os preços por que eram negociadas acima dos dos metais mais preciosos. Contudo é erro acreditar que, em jeral, o preço de um, dous, e três contos representavam o valor estimativo de um bolbo. Estas sômas passavam muitas vezes de mão em mão sem transferência de propriedade. Os bolbos eram comprados e vendidos sem os negociantes os possuírem, e frequentemente mesmo sem esistirem. Eram objecto de um a especulação comparável à que se tem feito modernamente com acções de minas imaginárias e caminhos de ferro na Lua.

SAÍDA DA «LOJA»



—Eu, menina, em amor sou republicana: não podia aturar um toda a vida!

(Desenho de C. KASEN)

A fim de melhor poder ser satisfeita a febre da paixão e do negócio conta Marmier que, em Roterdão, Amsterdão, Harlem, Leida, Alkman e Hoorn, foram estabelecidas Bolsas especiais para a venda de tulpas. A especulação então desenfreada. Ouve quem, em poucos dias, se tornasse riquíssimo, tam sómente a comprar e a vender tulpas. Deslumbrados pela tentação do ouro, nobres e burgueses, operários e camponeses, venderam propriedades e mobiliário empregando todo o capital obtido — na compra de tulpas. As encomendas de toda a Europa fizeram que, durante alguns anos, o dinheiro corresse em caudaloso rio para a Olanda. A ajiotagem cresceu de tal modo que foi preciso criar cargos especiais, os chamados *Notários das Tulpas*, para regular as compras e vendas da preciosa planta.

Mas um dia veio a reacção.

A febre acabou e principiaram todos a reconhecer o disparate de pagar, por preços fabulosamente loucos, cebolas que só serviam para produzir flores sem pompas de forma, de colorido e de perfume. Os ricos trataram então de vender as tulpas das suas colecções por todo o preço, ao desbarato, de maneira que uma cebola que, meses antes, valia um conto de réis, não tinha já quem desse por ela cem mil réis.

A baixa continuou vertiginosa, causando numerosas falências e a ruína dos que tinham transformado em tulpas todos os seus bens móveis e imóveis!

E a tulpia, ruindo do trono de orgulho onde a elevaram, não pelos méritos próprios, mas única e exclusivamente pelos caprichos de uma moda passageira, nunca mais tornou a atingir uma aura de popularidade que, por um momento só, lhe desse uma ainda que pálida recordação dos passados dias do saudoso brilho glorioso!

Pôrto.

EDUARDO SEQUEIRA.

DIADEMA DE ESTRÉLAS

Eu bem sei, eu bem sei que a ilusão me fatiga,
Mas que só na ilusão a minh'alma adormece,
Tal como a criancinha, ao rolar da cantiga,
E o doente que morre a dizer uma prece.

Eu bem sei que a minh'alma infeliz, quando sonha,
— Moribunda a tocar de rosas o cabelo —
Tapa os olhos com luz, na escuridão medonha,
E se o destino lembra é só para escondê-lo.

Á! bem sei que é o pavor de tudo quanto existe
Que me faz crer subir a escada de Jacó,
Quando a meus pés, imensa, imperscrutável, triste,
Uma escarpa sem fim, a pique, vejo só.

Vejo-a, e sinto afundar-me em longa decadência;
Sente-o meu coração, morto sonho, calçado
Por mil anos, sei lá... de infinita existência,
Do desgosto, do amor, da amargura cansado.

Desço num turbilhão de ruínas sangrentas,
Feitas de ódios cruéis, feitas de corpos trájicos,
Entre os gritos e os ais e as canções temulentas
E os sonhos em voz alta, alicientes, májicos;

E não posso deter meus passos na descida,
E não posso conter os retalhados pés;
Nem me sustém a marcha o corpo do suicida
Que a rolar vai também — sinistra ediondez.

A turba vai cantando, e as multidões rujindo
E ajitando os pendões na ladeira da sorte,
Com enganos febris, enquanto vão caíndo,
Seu suplício sem fim levam além da morte.

Então, sonhos! invoco os vossos lenitivos,
Lasso já de lutar num pèlago de escolhos...
— Vermes do coração, roei os meus sentidos!
— Abutres ciliciais, vinde tirar-me os olhos!

Á! fazei-me esquecer o meu destino umano,
De rôjo, abandonado ao furor das procelas...
— E em vez de espinhos, cuidarei, no meu engano,
Na cabeça levar uma c'roa de estrélas.

Pôrto, 1909.

DUARTE SOLANO.

TOLSTOI

Não é possível discutir os múltiplos aspectos da personalidade de Tolstoi em minguado artigo como este.

Seria preciso encará-lo como filósofo, como artista e como santo. Olhá-lo sob o ponto de vista determinista, no que tem de determinado e no que tem de determinante.

Ele foi essencialmente uma alma religiosa. A sua arte, a sua filosofia e a sua vida gravitam em volta da sua religião.

A sua arte, a que *ele realiza nas suas obras*, é viva, concreta, profundamente psicológica e moral. É o mais grave e sério conhecedor das realidades subjectivas. Ele, que continuamente faz a sua auto-educação moral, conhece *dolorosamente* a vida das realidades interiores.

A sua filosofia perde a noção das contingências e relatividades fenomenais porque a sua filosofia é um pragmatismo moral, a que, de salto, o filósofo chega pela angústia e pelo amor. — Quere isto dizer que Tolstoi foi um filósofo mediocre, como por aí se afirma? — Não. Ele não foi um filósofo mediocre, *ele foi um santo*, que viu o único valor da vida na bondade, e nela, *nesse absoluto*, se colocou sem querer saber das necessárias adaptações do espirito à materia. Não ignorou realidades objectivas, desprezou realidades objectivas pondo sempre os olhos no Bem. O mundo é, estáticamente considerado, um compromisso entre o Diabo e Deus. Dinamicamente, é uma luta entre esses dous imensos poderes. E, como Deus tem de ser infinito (!), o Diabo será uma criação de Deus. Queda de uma consciéncia pela culpa, ou falta de mérito — solução católica. Criação do Mal por Deus para desenvolver a sua infinita actividade de amor — solução de J. Jaurès.

O seu pragmatismo moral mostrou-lhe a verdade como uma forma do Bem. O objectivo absoluto é, por si, inútil e desprezível. A ciência é, como uma máquina, só por si uma inutilidade. A máquina precisa quem a dirija e sob o governo do Bem. Sem isso será inútil ou prejudicial. A ciência igualmente será sem a direcção da consciéncia moral inútil ou nociva. Só vale como instrumento da consciéncia moral. De aí os paradoxos do Santo sobre o progresso e a civilização.

A sua vida é uma contínua ascensão para o Bem. O valor das coisas mede-o a quantidade do seu amor intrínseco. Deus seria o amor infinito, isto é, o Redentor Universal. As almas apossamam-se de Deus pelo seu avanço nos Domínios do Amor. Tolstoi desceu a todos os abismos do sofrimento, subiu, por isso, todas as cordilheiras dessa Terra de Amor. E, do Alto de esse Imalaja sombrio e trágico, *ele olhou a face da vida*. Por isso *ele atinju o maior valor*. Porque, se o pico Everest domina as nuvens, a consciéncia de um justo domina o Infinito.

Matozinhos

LEONARDO COIMBRA.

(!) — Stuart Mill concebe Deus como impotente. E' o que diz o empirismo, é o que nega a razão. *Ex nihilo nihil.*



CARIDADE

Esbôço inédito de SOARES DOS REIS

[Da coleção do pintor porluense
Joaquim Vitorino Ribeiro]

Francisco Valença

(ESBOCETE CRÍTICO)

ESCREVI um dia, algures:

«A caricatura oje é uma arma poderosa de combate e de um alcance incalculável. E' o meio de propaganda mais rápido e de mais profundos efeitos. E' isto pela simples razão de que, para entender um artigo e para êle fazer emergir uma convicção num cérebro qualquer, é necessário que êsse cérebro saiba ler, e para uma caricatura convencer alguém, basta que êsse alguém veja e seja sensível. Pode o indivíduo não atinjar a profundidade filosófica de uma caricatura, pode um cérebro menos apercebido intelectualmente não ver ao primeiro relance a força poderosa de um grande raciocínio, que quatro traços contem e resumem, mas o que decerto logo fere e se grava no espírito é o sentimento, a emoção que o artista nela lançou. Um desenho apanha-nos pelos sentidos, domina-os rapidamente, e depois o cérebro sobre essa impressão trabalha lentamente produzindo a ideia. O trabalho é inverso de aquele que se realiza quando na leitura de um artigo. Aqui o trabalho é todo intelectual, sem apoio no sentimento, e por isso menos violento, menos vincado; deixa-me dizer-te assim.



Francisco Valença

—¿ Já viste L'ASSIETE AU BEURRE?
Vê-se um número, mesmo ao galope de uma vista apressada, sem ler os dísticos, e no fim sente-se indignação, ódio, dor, tristeza. Enfim, qualquer coisa que nos leva a rujir contra a infâmia social, a abrir os braços aos desgraçados, ou a lançar a nossa compaixão aos aniquilados da existência.

VÊLES AVARIÉS; que páginas, meu amigo! Fazem mais impressão aquelas poucas estampas tracejadas rapidamente em esboquete, do que mil volumes médicos sobre o assunto.

Inspiram mais repulsão e orror pela doença terrível do que bastos conselhos médicos em livros científicos.

—¿ E o número sobre Madagáscar!

Convence, irrita... sente a jente ganas de berrar por essas ruas fora como se os factos se dessem em nossa casa, à nossa vista...

—¿ Qual prosador capaz de fazer levantar tam violenta comoção?

Aqui tens o que é a caricatura: uma obra sã atraindo e interessando; uma arma posta ao serviço dos que pugnam pelo bem e pelo justo.

E' o riso, a troça feita aríete para derubar e esmagar tudo o que oprime, tudo o que sufoca: seja uma ideia, seja um facto».



Francisco Valença (Auto-caricatura)

* * *

Estas palavras, agora transcritas, julgo-as, neste momento, de uma justa aplicação, como abrangendo a arte de VALENÇA, na jeneralidade da sua fórmula, em-

bora este nosso artista se tenha individualizado numa forma muito particular: não é um lutador à maneira de FORAIN, mas um eloquente biógrafo das nossas celebridades à maneira de LEANDRE.

Em curiosos e interessantes desenhos revela-nos um tipo em foco, põe-nos ao facto das suas preocupações intelectuais e elucida-nos, com facúndia não vulgar, sobre os meandros obscuros do seu carácter, espondendo-nos, em quatro traços, o seu feitio moral, ainda que amplificado pela visão caricatural dominante.

Depois de borboletear, com encantadora virtuosidade, pelos ubérrimos campos da caricatura impessoal sentou, ao que parece, definitivamente praça na coorte que contou como um dos seus mais audazes guerreiros o grande ANDRÉ GILL e onde ainda oje esgrime, com um bem aparado e fino lápis, o gordo e prazenteiro LEANDRE.

Salienta-se, no entanto, o nosso caricaturista por uma maneira muito pessoal de sentir, que singularmente faz destacar os seus *portraits-charge* como obras caracteristicamente distanciadas da vulgaridade e intensamente individualizadas como produtos artísticos.

A qualquer coisa de combativo verrineiro nos seus desenhos que lhes dá o aspecto agressivo de uma ironia mordente como vitriolo.

Está lonje de BARRÈRE, o caricaturista das celebridades europeias, que procura com uma grafia simples provocar o riso, ou amarfanhando as figuras dos caricaturados em posturas críticas, ou alçando-as num jesto eróico de tablado de feira.

Afasta-se de GILL que reproduz com pequenas alterações a fisionomia do modelo, dando-lhe o carácter de *charge* pela desproporção entre a cabeça e o resto do corpo: a *verve* cintila por vezes alimentada unicamente por uma lejenda elucidativa.

Diverje de LEANDRE cujo processo consiste em esajerar desmesuradamente os defeitos do caricaturado, levando-os ao inverosímil. Faz o monstro e, sem sujerir o riso, ridiculariza, amarrotando, num espirituoso desenho, a mais ierática personalidade. As suas caricaturas lembram as imagens produzidas por espelhos esféricos.

F. VALENÇA, reforçando os defeitos do modelo, acentua-lhe o carácter moral e anima o todo com uma lejenda feliz.

O seu desenho é sóbrio sem ser mesquinho, exacto sem ser pobre.

VALENÇA sabe o que muitos caricaturistas entre nós não sabem: desenhar.

Junte-se a este conhecimento o talento de descortinar a linha característica de uma personagem, de colhêr os ridículos do jesto e a habilidade de saber dar num desenho fortemente sentido a sua completa visão de artista. E' por isto, e justamente, considerado um digno sucessor do BORDALO PINHEIRO do ALBUM DAS GLÓRIAS.

Lisboa.

ÁLVARO DE CASTRO.

Ortografia Racional

REGRAS:

1 - Rejeição de *h*, *k*, *y* e *w* nos vocábulos portugueses, aporluguesados e aporluguesáveis.

O *h* será conservado sómente nas consoantes palatais *ch*, *lh*, *nh*. *Ph* será substituído por *f*, e *ch* (= *c*) por *qu* antes de *e*, *i*, e por *c*, antes das outras vogais ou precedendo consoante.

Es.: *onra*, *desonesto*, *niquelar*, *sístole*, *tipo*, *Vencestau*, *vagão*; *chapéu*, *alio*, *banho*; *filosofia*, *fósforo*, *química*, *colédoco*, *caótico*, *cloro*, *Cristo*.

A rejeição de *k*, *y*, *w*, *ph* (= *f*) e *ch* (= *c*) não deverá causar estranheza: é coisa velha e já de prática vulgar.

O *h*, que é um sinal absolutamente inútil, não á motivo para o conservar, — a não ser nas palatinas *ch*, *lh*, *nh*, enquanto não tenham símbolos especiais. Quem saiba os papeis que o *h* tem desempenhado pela nossa língua fora — não quebrará lanças, bifurcado na etimolojia, pela sua permanência na escrita portuguesa.

Ninguém achará desacertado escrever *inâbil*, *inibir*, *inôspito*, *anelo*... por *inhâbil*, *inhibir*, *inhôspito*, *anhelo*... — e se a alguém ofender a vista *omem*, *omenagem*, *oje*, *ora* (hora), *erdade*, *erdar*, *erdeiro*, *onra*, *desonrar*, *avia*, *aja*, *ouve*, *ouvera*, *emos*, etc., fique êsse alguém sabendo que já assim se

OMENS DA REPÚBLICA



DR. ALFREDO DE MAGALHÃES

(Desenho do DR. VERJÍLIO FERREIRA)

escreveu em português, sem que o *ábito*, então, fôsse lei bastante para impedir a *inovação* do *h* em tais palavras.

E talvez a êsse alguém ofenda a vista *úmero, umeral, ombro, ombreira, ombrear, umbral, umor, umorístico, Temudo, Tiago, ontem, sepulcro, sacristião, Timóteo, teor, Espanha, espanhol, Felipe, Tomar, desarmônia, baú, ai, sair, cair, cristal, úmido, umidade...* e, no entanto, estas são as formas exactas, esijidas pela etimologia, — a qual, por sua vez, escarranchada na coerência, obrigaria o mesmo alguém a escrever com *h* palavras que oje nem sonha que o devam ter.

A simplificação proposta, de vantajem incontestável, não tem argumentos sérios em contrário. No baixo latim, no tempo do império e já no tempo da república, fazia-se do *h* um uso caprichoso e arbitrário, de todo inconsciente, — porque o *h* deixava de representar aspiração; escrevia-se *humerus, humor, humidus...* por *umerus, umor, umidus*; ora e hora; *abitantes* e *habitantes*; *praeda* < *prae-henda*; *omo, abet, onor, abemus...* por *homo, habet...*; *habundantia* por *abundantia...* (1)

O verbo *aver* (assim se escreveu já) conjuga-se... *ás, á*; as contracções da preposição *a* e do artigo *a(s)* ortografam-se *á, ás*, não lhes sendo próprio outro acento.

Em espanhol, o *h*, sinal de aspiração, ainda é mantido, tendo deixado, todavia, progressivamente de ser proferido. António Nebrissence á uns quatro séculos que o proscreveu das palavras onde não era pronunciado, (2) e, modernamente, tem sido já proposto o destêro absoluto de tal sinal tornado inútil (note-se, porém, o *h* antes de *ue: alcahuete, perihuela...*), contando-se entre os reformadores radicais o sr. *Salvá*. (3)

Os italianos baniram o *h* de todas as palavras, excepto de *ha, hai e hanno* para se distinguirem de *a, ai, anno*, — devendo registar-se que já mesmo de êsses monossílabos o proscreveu recentemente o lexicógrafo Petrocchi e com êle vários escritores italianos. (4)

A *Academia Brasileira*, na sua recente reforma ortográfica, conserva sómente o *h* *inicial*, por condescendência, entendendo que também êsse deve-

ria ser banido. (5) Á quem assim pense em Portugal.

Condescendências dêste jênero são inaceitáveis porque são incoerências.

Reconhecer que o *h* é absolutamente inútil, e deixá-lo ficar na escrita quando se manda praticar a proscrição das letras nas mesmas circunstâncias — é incoerência que não facilita, afinal, a vulgarização da ortografia simplificada. Dos poucos que no país escrevem, a maioria põe *hh* à toa ou não os usa. Os que sabem escrever regularmente, caso queiram adoptar esta ortografia, adoptam-na sem repugnância tal como a usamos; o que esijem é coerência.

Mais vale não fazer inovações, que fazê-las parcialmente, aos poucos, ou transitóriamente. Devemos reformar a ortografia, apossimando-nos de uma reforma oficial que venha a ser feita, e não é racional que essa reforma, realizada oje, fique atrás das reformas feitas, nos idiomas afins, á muito tempo já. É em lugar de uma reforma radical, decretada de uma só vez, quererão os paladinos das doses fraccionadas que todos os anos, ou todos os dois anos, se receite ao esiguo público ledor uma reforma ortográfica? Como se o público andasse a par do que escrevemos, acomodando-se ás nossas modificações gráficas progressivas!

Uma reforma que se decrete oficialmente tem de ser radical, — indo algo mais além do que nós; porque nós somos um tanto condescendente... No propósito de só vulgarizar alterações *para ficar*, — não fizemos alterações que entendemos boas, porque não queremos, nem devemos, vulgarizar o que pessoalmente nos parece bem, mas o que pareça bem a todos os que na matéria teem voto.

A proscrição do *h* é, pois, racional, vantajosa e tumentada.

II — Redução das consoantes jeminadas a uma só, exceptuando *ss* e *rr* quando tenham valor especial, — valor que, entre vogais, será sempre representado por *ss* e *rr* dobrados, em vocábulos simples ou não.

Es.: *adição, abade, socorro, anel, emalar, enastrar, emagreecer, Matos; erro, posso; vijéssimo, dezasseis, pressentir, prorrogar, pressupor.*

III — Supressão de consoantes nulas que não influam na pronúncia dos vocábulos nem venham a ter valor noutros vocábulos afins.

Es.: *escrito, salmo, dano, dito, instrução...* — mas *acção, exceptuar, affectado...* porque as vogais átonas que precedem respectivamente *c, p, e* conservam os valores alfabéticos (*acção, escetuar, afetado...*); *convicio, facto, ejício...* porque se pronunciam (embora facultativamente) os *cc* e o *p*;

e *acto, Ejipto, excepto, projecto...*, onde são nulos respectivamente *c, p, p, c...*, por êsses vocábulos serem aparentados com outros em que essas letras não são nulas: *acção, accionar, ejício, exceptão, exceptuar, projectar, projecção...*

IV — Substituição de *ge, gi* por *je, ji*.

Es.: *jigante, jente, pájina, elejer*. Note-se que são erradas estas gra-

fias correntes: *sugeito, gíria, mages-tade, geito, geitoso, regeitar, gerar-quia, geringonça, gigagoga...* Tanta estranheza causará acertar a escrita destas palavras (*sujeito, jiria, majes-tade, jeito, jeitoso, rejear, jerar-quia, jeringonça, jigagoga...*) como escrever as restantes palavras, em que entra *ge, gi*, com *je, ji* (6).

(Continua)

CLÁUDIO BASTO.

- (1) Vid.: ORTOGR. NAC. de G. Viana, pág. 58, 59, 60, 61; SUBSÍDIOS PARA UM DIC. COMPL. DA L. PORT., de A. A. Cortesão, pág. 106; QUESTÕES DA LÍNGUA PORT., de F. Adolfo Coelho, págs. 15 e 16, por es.
(2) Vid. ORTOGR. NAC., pág. 60.
(3) DICC. ORTOGR. ETIM. ESPAÑOL (Madrid, 1893), de José María Doce, pág. 258.
(4) Vid. ORTOGR. NAC., pág. 60-61.
(5) Vid. ORTOGR. BRASIL, de Cândido de Figueiredo, pág. 24.
(6) Para estudo minucioso da ortografia, vid.: ORTOGRAFIA NACIONAL, APOSTILAS AOS DICIONÁRIOS PORTUGUESES, VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO E ORTOÉPICO DA LÍNGUA PORTUGUESA — de A. R. Gonçalves Viana. Vid. também LÍNGUA, n.º 1, pág. 16, e ainda BASES DA ORTOGRAFIA PORTUGUESA, de A. R. Gonçalves Viana e G. de Vasconcelos Abreu (Lisboa, 1885).



A árvore da chuva

Existe no Peru uma árvore que em botânica se chama *tamat-caspi*, cujas fôlhas teem a particularidade de recolher o vapor de água existente na atmosfera, transformando-o depois em chuva abundante. A árvore da chuva vive com todos os climas e em todos os terrenos; últimamente tem sido estudada a sua aplicação à terra da Europa, com esplêndidos resultados.

Numa superfície de um quilómetro quadrado podem ser plantadas 10.000 árvores, que fornecerão cêra de 400.000 litros de água, por dia. Descontando a parte de água que se evapora e a que se infiltra no solo, ficam livres para a irrigação dos terrenos 150.000 litros.

Leite em pó

Os senhores Lecomte e Lainville descobriram um processo de reduzir o leite a

pó, e apresentaram-no à *Sociedade de Agricultura Francesa*.

Consiste em recolher o leite em vasos à temperatura de 2 graus abaixo de zero. A água que o leite contém evapora-se e forma cristais de neve, que são depois separados da massa leitosa por centrifugação. Esta massa que contém todas as propriedades do leite reduz-se então a pó.

O prémio Nobel de literatura

A Academia Sueca concedeu-o ao grande lírico alemão Paulo Heyse, depois de Totstói o ter recusado.

J. P.

Um monstro humano

Os drs. Magnan e Perrilliat comunicam à *Academia das Ciências*, de Paris, uma interessante observação clínica.

Num parto que sobreveio ao sétimo mês, e acompanhando um feto normalmente desenvolvido, observaram um monstro acéfalo, do sexo masculino, com 1.700 gramas de peso e 25 centímetros de comprimento. Era uma massa globosa com duas pernas disformes. Não tinha cabeça nem

braços. Na massa globosa notava-se columna-vertebral, caixa torácica e bacia. Não avia coração, rins, pulmões, estômago, nem esfago.

«606 XXIII»

É uma nova fórmula da preparação 606 de Ehrlich. A injeção faz-se sob a pele ou nos músculos nadegueiros. Segundo Burnier, este processo é dolorosíssimo e provoca incômodos vários; o estado jeral, no entanto, melhora, sobretudo quando a sífilis é terciária e maligna.

O mau êxito da nova terapêutica, na opinião ainda de Burnier, é devido ao desconhecimento das doses a empregar.

O pão é asséptico

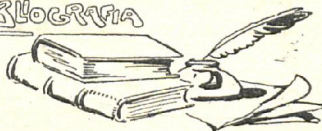
O dr. Auché, de Bordeus, fez experiências para provar que o pão é asséptico. Na massa do pão introduziu culturas de micróbios: bacilo tífico, colibacilo, bacilo disentérico, etc.; depois do cozimento, o pão estava asséptico.

Portanto, nada de recear a manipulação dos pães. Não á perigo nas mãos sujas do amassador, na água, na farinha, nem na saliva do padeiro. O dr. Auché, á um ano, fez experiências análogas com escarros de tuberculosos, dando o mesmo resultado.

Claro que o pão é asséptico ao sair do forno. Depois...

C. B.

BIBLIOGRAFIA



Registam-se todas as publicações recebidas. Das obras de que sejam recebidos dois exemplares, dar-se-á notícia crítica.

Comptes-rendus sur les livres paraisants soit en langue portugaise, soit en tout autre langue, pourvu que deux exemplaires en soient envoyés á la redaction.

- 12.— FERRUCCIO RIZZATTI — «O Rádio e a Pedra Filosofal», versão do italiano por António Barradas. 101 páj. 18×11; br., 100 réis. Pôrto, 1910. (Livreria Moderna, Editora. João Gonçalves, Largo dos Lóios, 48 e 50).

Livro de propaganda científica, muito simples, istoriando o descobrimento do rádio, as suas propriedades, os fenómenos que dele resultam e, concomitantemente, a evolução das teorias físicas sobre a matéria e a concordância, cada vez mais plausível, das modernas hipóteses químicas com a transmutação dos metais a que se referiam os velhos alquimistas. A versão portuguesa é muito bem feita, e completa o orijinal italiano com notas interessantíssimas e uma escolhida bibliografia sobre o rádio e a rádio-actividade. Merece ser lido e custa apenas 100 réis.

É curto e conciso. O 1.º capitulo descreve as descobertas e os fenómenos rádio-activos; o 2.º passa em revista as teorias e hipóteses sobre a constituição da matéria; o 3.º esboça conclusões. Livros assim valem mais que pesados cartapácios e educam o povo com imparcialidade e justeza. Os seus leves defeitos são compensados pelas suas qualidades sólidas de boa orientação e probidade científica. Demais, o que nem sempre acontece, o tradutor mostra conhecer bem o assunto e as modernas tendências da linguagem portuguesa.

J. da R.

- 13.— VISCONDE DE VILA MOURA — «A Vida Mental Portuguesa. Psychologia e Arte». 16 páj. 27×19, Coimbra, 1909 (Edição do A.).

Este livro de Vila-Moura é um interessante estudo crítico, escrito com sinceridade e em bom português. Sobresaeem as páginas sobre Camilo, cheias de brilho, tracejadas com mão de mestre.

Com este orijinal trabalho firma o sr. visconde de Vila-Moura a sua reputação de artista.

- 14.— SIMÕES DE CASTRO — «O irremediavel», peça em um acto. 29 páginas 17×11; Pôrto, 1910. (Edição da livreria de Francisco J. de Almeida, Carmelitas, 102-106).

Lijeiro esbôço dramático, que, sem ser destituído de certo brilho literário, não tem condições para poder ser representado.

J. P.

- 15.— OSCAR DE PRATT — «Frazes feitas». Breves considerações ao livro do sr. João Ribeiro. 22 páj. 19×12; br. Lisboa, 1910. (Edição da Tipografia «A Editora», L. Conde Barão, 50, Lisboa).

Compreende notas, racionalmente traçadas, a um livro que o conhecido académico brasileiro João Ribeiro escreveu sobre locuções, ditados e provérbios da lingua

portuguesa (2.ª série). É um trabalho útil, muito apreciável.

C. B.

- 16.— MANUEL FERREIRA RIBEIRO — (coronel-médico) — «Educação Physica em Portugal». Estudo crítico documentado. 40 páj., 22×14; br. Lisboa, 1910. (Edição do A.).

- 17.— REVISTA DE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS Y MUS OS, *órgano del cuerpo facultativo del Ramo*. Consejo de Redacción: Presidente, D. Marcelino Menéndez y Pelayo; Redactor jefe, D. Juan Menéndez Pial. — Redacção e administração: Olózaga, núm. 1, Madrid. Assinatura: año, 150 pes. em Espanha; núm. avu so, 1,50.

Publicação muito interessante. Recebidos os n.ºs 7 e 8 (ano XIV) referentes a julho e agosto. Notáveis os artigos *La Geografía de la Peninsula Ibérica*, por José Alemany; *Plazas de guerra y castillos medievales de la frontera de Portugal (estudios de arquitectura militar)* por M. G. Simancas.

- 18.— ARTE, arquivo de obras de arte, de que é director e gravador Marques de Abreu. Redacção e administração: R. de S. Lázaro, 310, Pôrto. Assinatura: no Pôrto, 1\$440 réis por ano; pelo correio 1\$500 rs; núm. avulso 120 rs.

Publicação mensal de luxo, e a única portuguesa no jénero.

Recebidos os n.ºs 70 e 71, referentes a outubro e novembro.



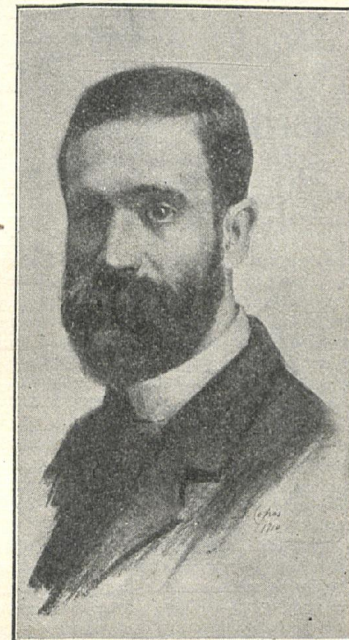
Soares dos Reis

Nasceu a 14 de outubro de 1847 em S. Cristóvão de Mafamude. A sua obra é uma epopeia cantada no mármore pela bôca sagrada da Verdade. Tem células que vivem na vibração armónica da carne. Não a aureola a vaidade balofa de uns, o mérito comprado de outros. É pura na sua nudez brutal e impecável quando a veste se impõe. Porém sempre grande, porque era a alma que a tocava, correcta, porque Soares deenhava como Ingres—o que é raro entre os esculptores... Não admira! Em Paris, na

Escola de Belas-Artes, teve por mestres Jouffroy, Ivon, Heinzei, Taine.

Assimilou-lhes o espirito, e este desabrochou em luz no seu. Condensação maravilhosa que através de uma vontade e de um temperamento formou um novo ser.

Em 1870 abandonou a França por causa da guerra franco-prussiana, voltando a Portugal. Porém no ano seguinte parte para



(Desenho de SOARES LOPES)

Itália e aí, em Roma, onde se conservou até 1872, concebe o «Desterrado», esse bloco rasgado da alma, onde inculou a própria alma. E foi a esta obra imorreidora que alguns, mordidos por qualquer coisa de vil, não podendo ocultar-lhe o valor, tentaram negar-lhe o trabalho. Porém, provas dispensáveis vieram sufocar a má intenção dos biltres.

Finalmente, em 1881, estando vaga a cadeira de escultura por morte de Manuel da Fonseca Pinto,—Soares dos Reis forçado por um núcleo de amigos decidiu-se a concorrer. Foi sobre uma das mesas do antigo café de S. Lázaro que se fez o requerimento á última hora.

Aprovado foi. Uma vez lá, tentou re-

formar o ensino desta cadeira, para a qual apresentou até um programa que defendeu com amor, tenazmente; mas a velha usança dominou, e Soares desgostoso pensou em afastar-se. Após, dissabores íntimos tornaram-lhe uma vida de mártir. E num dia, a 16 de fevereiro de 1889, trágico de desalento, vencido, procurou lenitivo na bala de um revólver. . .

Um desabafo desoprimiu alguns peitos. O Mestre estava morto.

Pôrto.

EMÁNUEL RIBEIRO.

Pela Arte

Temos afinal uma lei protectora das nossas preciosidades artísticas e arqueológicas. Só um rejime novo e progressivo seria capaz de promulgar o que á tantos anos infrutuosamente se reclamava. Embora tardia, essa medida a muito ainda poderá valer. Obsta, sobretudo, ao grande mal — a espatriação dos objectos, que, pior do que a tradicional barbaria e as apregoadas convulsões do solo e pilhagens de invasores, tem sido nos últimos tempos uma verdadeira calamidade que necessitava de seguro embargo. O que por acaso escapou da destruição era quasi na sua totalidade adquirido pelos estrangeiros que nesta boa terra encontravam escelente alfofre, com a dupla atracção do convidativo preço e da incontestável autenticidade.

Dest'arte inúmeras riquezas astísticas nossas iam figurar nos museus e palácios do velho e novo mundo. Entre nós, só alguns afeiçoados, em bem reduzido número, se consagraram a arquivar, mais para o futuro do que para si, coisas que muitos votariam ao desprezo e outros estimavam mercadejar lá para fóra.

Nos seus resultados, o desprezo da ignorância e o interêsse do mercante pouco diferiam: a jóia artística mesmo alienada podia considerar-se perdida.

O que oje existe, e ainda não está arquivado nos museus, deve-se à patriótica perseverança de meia dúzia de apaixonados, que, pondo acima do interêsse o seu amor, não abandonaram ao estrangeiro as suas colecções. Dispersas pelo país existem algumas, de variadas especialidades, que tinham jus de figurar nos museus nacionais.

Mas não é tam sómente sôbre as peças móveis que deve incidir a previdência legislativa, a vista governamental, é também sôbre os esemplares ficos, assim como seus

pertences, que, mesmo propriedade do Estado, se não encontram imunes de atentados e investidas. A' dias noticiavam as gazetas que o Conselho dos Monumentos Nacionais resolveu propor ao govêrno que o pelourinho de Vila-Velha-de-Rodão, do século XVI, fôsse repôsto no sitio primitivo visto a comissão municipal republicana daquelle concelho se ter permitido apeá-lo do seu repouso secular.

Se bem que compete às municipalidades velar pelos seus padrões, é prudente não lhes confiar em absoluto tal incumbência: a educação artística e o sentimento estético que são a sua melhor êjide, só esporádicamente poderão brotar nos funcionários officiais.

Na verdade, teem sido as câmaras, sob o pretêsto de pseudo-melhoramentos, as maiores assassinas dos monumentos nacionais. Cuidado com elas, pois. Conviria antes confiar a fiscalização dos monumentos simplesmente a quem por êles nutre paixão — aos artistas e aos antiquários.

Nas visitas aos seus monumentos rejonais, de ora em quando feitas, já por gôzo espiritual, já por estudo, melhor poderiam, como directamente interessados, velar pela sua integridade e conservação.

Necessário era também que a lei fôsse inclemente para os seus aniquiladores ou simples agressores: a ofensa dum padrão devia ser para motivos jurídicos considerada tam grave como a ofensa duma pessoa. Enquanto a educação não evitar esta, também ess'outra não será poupada, visto uma pedra, embora ela seja um simbolo, representar muitíssimo menos que uma criatura. . . Mas só o castigo diminuiria o crime. A religiosidade, que foi, em tempos, uma poderosa defesa dos monumentos cristãos, vai-se delindo.

Temos, bem recente, uma prova de isso. Em Leça-do-Balio, um artífice, com a tinta que lhe serviu para restaurar uma grade, conspurcou a frente da figura do balio Fr. Cristóvão Cernache, bela escultura quinhentista de barro, quasi de dimensões naturais, que jaz desprezada na porção central da abside.

Essa malfadada estatuetta já por vezes tem sido vandalizada, chegando até os agressores a esibir triunfantemente os despojos das feras investidas sem que alguém sequer se lembrasse de lhes fazer pagar pelo devido preço o arripiante atrevimento!

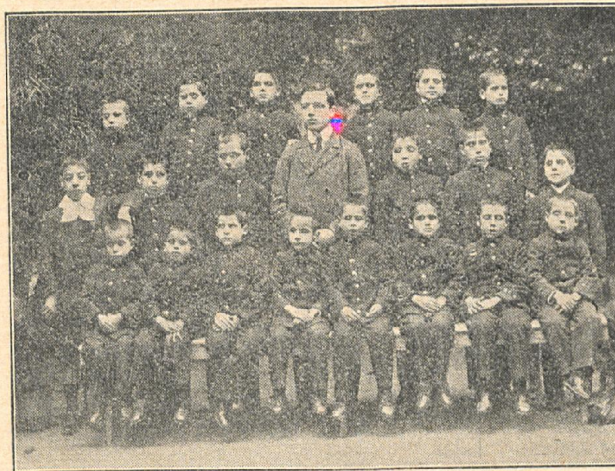
Tais crueldades reclamam do Estado, sem dúvida, uma atenção cuidada, própria da época emancipadora em que, por felicidade, presentemente nos encontramos.

Pôrto.

PEDRO VITORINO.

INSTITUTO DE CEGOS DO PORTO

Rua Ferreira Cardoso, 103 — Campo do Cirne
DIRECTOR: Miguel Mota



Pode ser visitado todos os dias úteis das 2 às 4 horas da tarde

Sociedade Cooperativa de Viana-do-Castelo

RUA DE S. SEBASTIÃO, 65 Venda a toda a jente. — Vantagem aos sócios.

Jêneros de mercearia de primeira qualidade a preços sem competência. Especialidade em azeite finíssimo recebido directamente das melhores procedências (Castelo-Branco e outras).

Os sócios desta Cooperativa teem um desconto de 3 % nas compras que efectuarem nos *Grandes Armazens do Minho* — Praça da República, 15.

Grandes Armazens do Minho

DE J. Rodrigues Pinheiro

Uma das primeiras casas de modas do norte de Portugal. O primeiro estabelecimento do Minho. **36 secções**

Fatos à lavradeira — à vianesa

MODAS Fazendas, sedas, lanificios, veludos, rendas, cotins, riscados, morins, panos crus, etc., etc.

CONFECÇÕES Chales, lençaria, camisaria, enxovais, artigos militares e eclesiásticos, estofos, gravataria, artigos de decoração, etc.

Secção de alfaiataria, dirigida por pessoal competente. **Viana-do-Castelo**
Vendas para as colónias portuguesas e para o Brasil. (PORTUGAL)

FOTOGRAFIA FILGUEIRA

Trabalhos em todos os jêneros;

:: arte perfeição e conservação ::

:: :: :: garantidas :: :: ::

R. S. SEBASTIÃO :: :: ::

:: :: :: VIANA-DO-CASTELO

LIVRARIA ACADEMICA E RELIJIOSA

DE ELISEU G. PREZA

VIANA-DO-CASTELO

Grande variedade de livros de missa; religiosos, etc. — Papelaria e objectos de escritório. — Assinaturas de todos os jornais de modas. — Encadernações e bilhetes de visita. — Músicas, estampas e objectos de piedade e devoção. — Compra e vende livros antigos e usados.

Agência comercial e marítima

LEGALMENTE ABILITADA

— DE —

JOAQUIM L. G. MOREIRA & C. A

AGENTES

de todas as «Companhias marítimas» da Adega Central do Minho e Douro de companhias de seguros :: :: ::

Venda de passagens para o Brasil e África. Passagens abonadas a 3, 4 e 6 meses. Solicitam-se passaportes e documentos para os obter. Trata-se de licenças aos reservistas de 1.ª e 2.ª reserva.

Despachos de vinhos e outras mercadorias para todas as partes.

Comissões, consignações e c. própria, etc.

Praça da República, 37
Viana-do-Castelo

ADVOGADOS

Alexandre Amorim
e João da Rocha Páris
R. S. Sebastião, 250—VIANA

‘Varões assinalados,’

Publicação humorística quinzenal a côres

O mais luxuoso e artístico jornal de CARICATURAS que se tem publicado no país.

Caricaturas de Francisco Valença
Artigos dos mais espirituosos escritores.

Preço 60 réis

Assinatura por série de 12 n.ºs 720 rs.
Administração: R. N. do Almada, 36-3.º
: : : : LISBOA : : : :

MATERIAL PARA TIPOGRAFIA

Pedro José Lima

Rua do Correio, 38-1.º

PÔRTO

Representante de diversas fundições de tipos e máquinas.

Deposito de material branco, tintas, massa para róis e todos os pertences para as artes gráficas.

LIVRARIA ACADÉMICA

DE MOURA MARQUES

RUA FERREIRA BORJES, 171
COIMBRA

Esta casa fundada em 1900, tem sempre as mais recentes novidades literárias e científicas, portuguesas e estrangeiras, recebendo diariamente pelo correio as novidades de maior interesse, para o que tem correspondentes em todos os países da Europa.

Satisfaz de pronto toda e qualquer encomenda que lhe seja feita de livros ou jornais científicos e literários, aceitando assinaturas para toda a qualidade de periódicos e revistas.

Responde na volta do correio a qualquer pergunta que lhe seja dirigida.

Compromete-se sempre pela execução jeral de todo o serviço de livraria, pois que nada é executado sem que previamente seja verificado e autorizado pelo proprietário.

Todos os meses fornece Bibliografias aos seus clientes e a quem lhas requirite.

Para todos os esclarecimentos, pode-se a fineza de se dirigirem à

LIVRARIA MOURA MARQUES - COIMBRA

BAZAR COUETO VIANA

Única casa onde se encontram POSTAIS com vistas, traços, monumentos e costumes de VIANA e do MINHO. Sortido completo de papeleria, louças, cristais, quinquilhanias, etc. — Praça da República, Viana-do-Castelo.

Arquivando opiniões sobre a «LÍMIA»

LÍMIA — Assim se intitula uma elegante revista que se publica em Viana-do-Castelo sob a . . . direcção do sr. João da Rocha. E' de formato airoso, impressa em bom papel e numerosamente ilustrada . . . Esta enumeração (do sumário) é suficiente para classificar a nova revista que ocupa distintamente *au premier abord* um dos primeiros senão o primeiro lugar das publicações conjéneres. . . — [A FOLHA (Ponta Delgada) de D. Alice Moderno; n.º 419].

LÍMIA — . . . «O aparecimento de uma Revista ilustrada, literária e científica, em terras de Portugal, representa corajoso esforço e, pelo menos, alguma fé no bom gosto e patriotismo da nossa gente; e é natural que a Empresa do *Limia* não sofra grandes decepções, porque se apresenta com bons títulos ao apreço e á cooperação do público.

Este 1.º apresenta um curioso artigo critico-histórico de *Bruno* (José Pereira de Sampaio), um estudo descriptivo da casa de Gonçalo Velho, pelo Sr. Dr. Manuel Monteiro, um delicioso artigo do Sr. Antero de Figueiredo, sobre máximas e proverbios, outro, sobre Arqueologia, pelo Sr. Dr. F. Alves Pereira; versos dos Srs. Dr. João de Barros, Júlio Brandão; secção de variedades, etc.

Desenhos e gravuras interessantes.

A direcção está confiada aos Srs. João da Rocha, João Páris e Cláudio Basto.

Como toda a gente, que tenha ponderado, com os olhos de vêr, as questões da grafia nacional, o *Limia* adopta francamente a ortografia simplificada, consoante os processos de Gonçalves Viana, à parte ligeiras divergências.

Neste ponto, como noutros, só temos que aplaudir o bom senso e a franqueza, que nobilitam a Direcção do *Limia*, embora achemos *cedo* para se praticarem entre nós algumas simplificações adoptadas por aquela Revista. A eliminação do *h* inicial, por exemplo, não nos parece indispensável a uma discreta simplificação gráfica, porque tal letra nada importa á pronúncia, mantém-se no castelhano, a lingua mais irman da nossa, e a sua eliminação, aos olhos do vulgo e da rotina, póde atrasar um pouco os efeitos da necessidade e meritória propaganda simplificacionista.

Também não vemos necessidade de se adoptar, desde já, a representação do *x* de *máximo* por *ss*, o de *fixo* por *cs*, etc.

Mas tudo isto, afinal, é secundário. O essencial é porem-se de lado os grupos exóticos *ph, th, rh, o y*, as letras inutilmente dobradas, etc., e é ainda mais essencial o escrever sem erros palmares, como os triviaes *sachristão, lyrio, theor, cautella*, etc., fórmias que nunca existiram na lingua portuguesa, mas somente na prática dos que a ignoram.

E bem-vindo seja o *Limia*. — [DIÁRIO DE NOTÍCIAS (Lisboa), aprec. de Cândido de Figueiredo, n.º].

. . . Começou a publicar-se em Viana-do-Castelo uma revista mensal ilustrada, de arte, literatura e ciências, com o título de *Limia*. . . A *Limia* é uma revista de uma factura muito cuidada e contém ilustrações de distintos artistas. Está destinada a um grande êxito, tanto mais que a sua expansão se vai já fazendo para a América do Sul e vários países, contando já os seus fundadores com valiosas colaborações do estrangeiro. . . — [O PORTO, de 27-nov.].

LÍMIA — Interessantíssima revista mensal ilustrada de letras, ciências e artes. . . [REVISTA DE MANICA E ÇOFALA (Lisboa), n.º 81].

LÍMIA — . . . escelente revista . . . que sai à luz em Viana-do-Castelo. E' uma publicação de alto valor intelectual. A sua melhor recomendação está nos nomes dos seus colaboradores que se contam entre os mais distintos escritores portugueses e no sumário. . . [JORNAL DE NOTÍCIAS (Pôrto), de 9-12-1910].

Casas depositárias da “Limia”, em Portugal:

Em Lisboa — *Paulo Coelho de Albuquerque* (ajente), R. de S. Bento, 510, 2.º, E. *Tabacaria Mónaco*, Rossio, 21.

No Pôrto — *Livraria Magalhães & Montz*, (ajentes), L. dos Lóios, 10-14.

Em Coimbra — *Livraria Moura Marques*, (ajente), R. Ferreira Borjes, 171.

Em Braga — *Livraria Cruz & C.ª*, R. N. de Sousa, 127-133.

Aceitam-se ajentes onde os não á

